

Sarney

Acerto de Contas

13 JUL 1993

JORNAL DO BRASIL

O ex-presidente José Ribamar Sarney ainda não prestou contas do seu desgoverno mas já se movimenta para figurar no rol dos candidatos à sucessão presidencial do próximo ano. O maior admirador de Sarney continua a ser o próprio Sarney, que reaparece na *Veja* na sua mais completa ambivalência e tendo como fundo fotográfico uma sala decorada para a novela das oito. O orgulho confesso da sua passagem pelo governo foram os 8 milhões diários de litros de leite distribuídos a crianças, "cujos pais não têm como comprá-lo". Desde que estatísticas no Brasil dispensam provas, ficou faltando complementar com número a margem de roubo nessa distribuição.

Foi sob a administração Sarney que circulou a famosa versão da senhora portuguesa que, depois de aqui estar, chegou lá sintetizando a sua impressão em poucas palavras: "Aquilo lá está que é uma roubalheira só." As suspeitas que envolveram figuras chegadas à sua confiança íntima não foram devidamente esclarecidas e, de um dos personagens, consta que é proprietário de um *shopping center* no Canadá.

Candidatos devem estar documentados para vencer as denúncias previsíveis. O acerto de contas, para ficar no débito político, não lhe é favorável. O senador José Sarney (pelo Amapá, com 53 mil votos que não dariam para eleger um vereador no Rio) chegou a presidente na chapa da oposição ao governo do qual foi figurão, como presidente do partido oficial que derrotou a diretas-já. A ambivalência política no caso de Sarney não é contradição, é coerência: de candidato a vice na chapa oficial saltou para a chapa da oposição quando perdeu a indicação.

Além dos antecedentes houve também acidentes. A morte de Tancredo Neves, sem ter tomado posse, não legitimava a posse de Sarney. Só podia ter sucedido um presidente empossado. A lógica atesta o absurdo. Não foi presidente e, portanto, não governou, como bem sabem brasileiras e brasileiros. Nenhuma lei empurrou o vice para a vaga

inexistente, mas o ministro do Exército — as 3 h da madrugada — num fato consumado.

A expectativa legal era que o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, cumprisse o ritual, assumindo e convocando a eleição presidente no prazo regulamentar pelo Congresso. Para não se incompatibilizar, Ulysses Guimarães aceitou a anomalia, sem prejuízo de sofrer mais tarde candidato o malogro eleitoral. Sarney aparece agora nas primeiras sondagens sobre a sucessão e botou banca de candidato fiado tanto na sua quanto na falta de memória do eleitor. A qualquer momento pode ser lembrado que foi o porta-voz dos militares para intimidar a tendência parlamentarista na Constituinte e, de quebra, para garantir cinco anos do seu mandato que estava reduzido a quatro.

O senador Sarney tem mais de Pacheco, do Eça, conforme a entrevista, que de qualquer outro personagem da literatura em língua portuguesa: ele pensa que faz luz, enquanto o resto faz ruído. Como é que, antes de transcorrido o prazo de um presidente, ele finge acreditar que os eleitores falem sério? Sobretudo "as camadas mais pobres", que não se esquecem dele. E ainda acha que "o Brasil precisa de um presidente com absoluta autoridade moral e política para resolver a crise".

A apoteose da ambivalência de Sarney, porém, é a frase com que se coroa duas vezes: a seu próprio ver, foi o melhor e o pior presidente do Brasil. Não quis escolher, por modéstia. Sem dúvida, foi o pior. E só. No governo, aliás, deprimia-se ou se exaltava com a mesma ênfase. Cíclico. Como ninguém o elogiava, elogiava-se. Compete agora, sem modéstia, com a estatística de Kubitschek, fazendo a ressalva de que "trata-se de uma comparação entre dois estados da nossa alma". JK chegou carregando um sonho, ele uma tragédia. Com a entrevista a *Veja*, José Sarney fica mais perto da presidência da Academia que da presidência da República, onde nunca podia ter chegado, mesmo por acaso.